

PAULO FREIRE E HUMBERTO MATURANA: DIÁLOGO (IM) POSSÍVEL?

Paulo Freire and Humberto Maturana: an (im) possible dialogue?

Paulo Freire y Humberto Maturana: un diálogo (im) posible?

MÔNICA DE ÁVILA TODARO
Universidade Nove de Julho – UNINOVE
avila-todaro@uol.com.br

MARGARETE BERTOLO BOCCIA
Universidade Nove de Julho – UNINOVE
maggie.boccia@uninove.br

No fundo, este deve ser o sonho legítimo de todo autor – ser lido, discutido, criticado, melhorado, reinventado, por seus leitores. (Freire, 1993, p. 30).

RESUMO Neste artigo, temos como objetivo apresentar o resultado inicial de um percurso construído a partir das leituras e discussões realizadas pelas autoras a respeito dos pensadores Paulo Freire e Humberto Maturana. Como procedimento teórico-metodológico, recorreremos ao levantamento e análise bibliográfica. Os dados foram descritos de modo sucinto, no que tange às origens biográficas dos referidos educadores, a diferenciação de origem de escolas filosóficas, além dos recortes de pensamentos que consideramos significativos. Nossa investigação concentrou-se no estudo de temas como história, humanização, linguagem, emoção, amorosidade, mudança, educação, diálogo, autonomia, conhecimento e política, presentes nas obras de Freire e Maturana. Buscamos, ao final, comparar as concepções e apresentar ensaios de aproximação e distanciamento entre os autores de modo a possibilitar reflexões e possíveis aprendizagens para aqueles que atuam como professores e pesquisadores na educação. Constatamos que os dois contribuem, portanto, para o surgimento de um outro olhar para a educação, no qual o respeito para consigo mesmo e o outro torna-se realidade por meio do diálogo.

Palavras-chave: PAULO FREIRE; HUMBERTO MATURANA; EDUCAÇÃO.

ABSTRACT The objective of this article is to present the initial results of a process based on what the authors read and discussed about the thinkers Paulo Freire and Humberto Maturana. The theoretical-methodological approaches used were survey and literature review. The data were described in a concise manner when it came to the biographical background of

the said educators; the differentiation between the origins of philosophical schools; and the thoughts that we considered significant. Our research focused on the study of topics such as: history, humanization, language, emotions, fondness, changes, education, dialogue, autonomy and knowledge present in the works of Freire and Maturana. In the end, we sought to compare the conceptions and present the similarities and differences between the authors to promote reflection and knowledge for those who work as teachers and researchers in education. We verified that both contribute to the emergence of a new way to look at education, in which the respect for ourselves and others becomes reality through dialogue.

Keywords: PAULO FREIRE; HUMBERTO MATURANA; EDUCATION.

RESUMEN En este artículo, tratamos de presentar los primeros resultados de una ruta construida a partir de las lecturas y discusiones desarrolladas por las autoras sobre los pensadores Paulo Freire y Humberto Maturana. Como procedimiento teórico y metodológico, utilizamos el levantamiento y revisión de la bibliografía. Los datos se describen de manera sucinta, con respecto a los orígenes biográficos de estos educadores, la diferenciación del origen de las escuelas filosóficas, además de recortes de pensamientos que consideramos importantes. Nuestra investigación se centró en el estudio de temas como la historia, la humanización, la lengua, la emoción, la belleza, el cambio, la educación, el diálogo, la autonomía, el conocimiento y la política en la obra de Freire y Maturana. Al final, buscamos, comparar las concepciones y presentar ensayos sobre las similitudes y diferencias entre los autores para permitir la reflexión y posibles aprendizajes para aquellos que trabajan como profesores e investigadores en educación. Se concluye que los dos contribuyen a la aparición de otra mirada a la educación, en el que el respeto por uno mismo y el otro se convierte en la realidad a través del diálogo.

Palabras clave: PAULO FREIRE; HUMBERTO MATURANA; EDUCACIÓN.

INTRODUÇÃO

A concepção de diálogo, em Freire, foi pensada como princípio para que pudéssemos dizer nossa palavra e expor nossas reflexões por meio da escrita sobre os dois autores, segundo nosso modo de ver.

Em nosso dia a dia como professoras universitárias e pesquisadoras, os registros das falas, emoções, sentimentos e pensamentos vão construindo nosso caminhar e representam critério de acompanhamento do processo/momento de cada uma.

Impulsionadas por um pensar crítico e problematizador, em outros textos tratamos da desvalorização dos cursos de Pedagogia; da importância do corpo na educação infantil; e da educação a distância, sempre revisitando Freire por acreditar que ele responde às demandas básicas da educação na contemporaneidade.

Neste momento, dedicamos-nos a buscar alguma proximidade, bem como as diferenças, entre Freire e Maturana. Para tanto, primeiramente descreveremos a origem biográfica e a **área de formação de cada um para**, depois, apresentar os aspectos que permitem estabelecer uma comparação entre ambos.

Humberto Maturana nasceu em 1928, em Santiago, no Chile. Estudou medicina e biologia e doutorou-se em neurobiologia.

[É] crítico do realismo matemático e criador da teoria da autopoiese. Auto-poiesis (do grego *auto* “próprio”, *poiesis* “criação”) é um termo cunhado na década de 1970 por Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. Segundo esta teoria, um ser vivo é um sistema autopoietico, caracterizado como uma rede fechada de produções moleculares (processos), em que as moléculas produzidas geram, com suas interações, a mesma rede de moléculas que as produziu. A conservação da autopoiese e a adaptação de um ser vivo ao seu meio são condições sistêmicas para a vida. Portanto, um sistema vivo, como sistema autônomo, está constantemente se autoproduzindo, autorregulando e sempre mantendo interações com o meio, onde este apenas desencadeia no ser vivo mudanças determinadas em sua própria estrutura, e não por um agente externo. (HUMBERTO MATURANA, 2015).

Maturana é considerado um pensador e, como tal, tem sido estudado por pesquisadoras da área da Educação. Ao realizarmos uma busca no portal Capes e, no campo “assunto”, ao digitar o nome do autor, encontramos 596 resultados.

Paulo Freire nasceu em 1921, em Recife, no Brasil. Estudou Direito e obteve título de doutor em Filosofia e História da Educação. **É crítico** da educação bancária, de características alienadas e alienantes, e criou o chamado “Método Paulo Freire” (BRANDÃO, 1981), que alfabetiza politizando e é muito utilizado ainda nos dias de hoje em diferentes partes do mundo. De acordo com Romão (2004), Freire deu uma contribuição notável à discussão do conceito de impulso, desenvolvendo a teoria da consciência humana sobre a própria incompletude, o inacabamento e a inconclusão, como elemento catalizador da insatisfação e, dialeticamente, como fator de propulsão para a construção da esperança e da utopia na busca incansável do “ser mais”. É considerado um dos pensadores mais notáveis da história da Pedagogia. Uma busca no portal Capes, ao entrar com o nome do autor no campo “assunto”, revelou 6.633 resultados.

Já de início, nosso diálogo representa, para nós, um grande desafio: a aproximação de algo novo (estudar Maturana) e a reaproximação de algo familiar (estudar Freire). Irá este desafio mostrar-se, não como um problema e, sim, como uma curiosidade que instiga e provoca? Uma coisa é certa: é o desafio que gera em nós o impulso necessário para o exercício da escrita.

Parece importante confessar que as leituras na língua-mãe espanhola, ou na “língua chilena”, não foram fáceis, mas colocaram algo considerado necessário em nosso momento acadêmico: a pesquisa, a investigação; logo, a busca. A busca por outras leituras “sobre” e “de” autoria de Maturana ocorreu e foi reveladora para a compreensão inicial de seus pensamentos.

Iniciamos este ensaio indicando a construção de diálogos. Mas do que falamos ao dizer “diálogo”? Estamos entendendo diálogo como algo maior que uma simples conversa,

pois, como ensinou-nos Freire (2003), “quem dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa” (p. 116); portanto, o diálogo que se pretende ousar estabelecer traz consigo um pensamento como prática fundamentada, refletida e exigente ao pesquisador. Para Freire (1997), o diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos, não apenas conservam sua identidade, mas a defendem, e assim crescem um com o outro.

Assim, a partir da escrita e leitura deste texto, pretendemos crescer um com o outro, autoras e leitores. Cabem ainda, de antemão, as desculpas, se em algum momento incorrer-mos em equívocos, mas entendendo nosso caminhar como processo, esse momento faz-se necessário como passo na construção do (re) conhecimento do tema e possível acerto para a continuidade de nossos estudos.

RECORTES

Para a construção do diálogo, foi necessário fazer alguns recortes em cada um dos pensamentos colocados pelos autores envolvidos. A opção por estes, e não outros, vincula-se ao que mais se tornou significativo nas leituras, além da suposição de serem estes os temas possíveis de aproximações e distanciamentos entre eles. Sem a intenção de apresentar os pensamentos de forma reducionista, mas apenas com o intuito de sermos mais didáticas, apresentaremos a seleção de recortes unificados no Quadro 1, abaixo para, em seguida, (re) construirmos a trama do texto a fim de, ao final, problematizá-lo.

Quadro 1 - Recortes de temas comparando ideias de Humberto Maturana e Paulo Freire

Temas	Maturana	Freire
História	“No presente momento da história evolutiva a que pertencemos – que começou com a origem da linguagem, quando o estar na linguagem se fez parte do modo de vida que, ao conservar-se, constituiu a linhagem Homo a que pertencemos – somos animais dependentes do amor. O amor é a emoção central na história evolutiva humana” (MATURANA, 2002, p. 25). “Toda história individual humana é a transformação de uma estrutura inicial homínida fundadora, de maneira contingente, com uma história particular de interações que se dá constitutivamente no espaço humano. Esta se constituiu na história homínida a que pertencemos” (MATURANA, 2002, p. 28).	Processo no qual objetividade e subjetividade entrelaçam-se dialeticamente. É vista como uma possibilidade e as pessoas como seres históricos responsáveis e capazes de intervir no mundo. “Só estamos porque estamos sendo” (FREIRE, 1996, p. 33).

Temas	Maturana	Freire
Hominização / humanização	Acontece pela linguagem. “O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem para defender ou justificar nossas ações. Normalmente, vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional” (MATURANA, 2002, p. 18).	“É uma luta que funda-se antropológicamente e eticamente no processo de construção desse ser inconcluso, que busca recuperar sua humanidade ou superar as situações limites para realizar seu próprio ser mais” (STRECK, 2008, p. 214).
Linguagem	Se dá não como uma estrutura cerebral, mas como um construto das relações do ser humano com os outros. “Comumente dizemos que a linguagem é um sistema simbólico de comunicação. Eu sustento que tal afirmação nos impede de ver que os símbolos são secundários à linguagem” (MATURANA, 2002, p. 19). “A linguagem está relacionada com coordenações de ação, mas não com qualquer coordenação de ação, apenas com coordenação de ações consensuais” (MATURANA, 2002, p. 20).	Forma de comunicação carregada por relações de poder. Manifestação do pensamento tanto ingênuo, quanto crítico. “Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo” (FREIRE, 1997, p. 68).
Emoção	Não é sinônimo de sentimento. É o grande referencial do agir humano. “As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. Na verdade, todos sabemos isso na práxis da vida cotidiana, mas o negamos porque insistimos que o que define nossas condutas como humanas é elas serem racionais. Ao mesmo tempo todos sabemos que, quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção” (MATURANA, 2002, p. 15).	“O que eu sei, sei com meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções. O que eu não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições” (FREIRE, 1993, p. 29).
A m o r / Amorosidade	Fundamenta o humano e ao mesmo tempo o fenômeno da socialização. É a emoção que dá possibilidade ao surgimento da linguagem. “O amor é um fenômeno biológico que não requer justificação” (MATURANA, 1997, p. 184).	É uma potencialidade e uma capacidade humana. Se dá no afeto como compromisso com o outro. É condição central do diálogo. “Não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (FREIRE, 1987, p. 79).

Temas	Maturana	Freire
Mudança	Para Maturana, a mudança acontece de dentro para fora e é na corporalidade que acontece nossa mudança estrutural. De acordo com o autor, a origem das mudanças culturais está nas mudanças emocionais.	É entendida como transição e rompimento resultantes da aprendizagem. “Mudar é difícil, mas necessário e possível” (FREIRE, 1996, p. 88).
Educação	“A educação como sistema educacional configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar. A educação é um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere. Isso não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente” (MATURANA, 2002, p. 29).	Deve ser uma força de mudança e de libertação, nem alienada e nem alienante. É uma relação entre educando, educador e o mundo que se dá na interação entre prática e teoria. “Educação para o homem-sujeito” (FREIRE, 1967, p. 36).
Diálogo	É conversa. Para Maturana, o que ele denomina “cultural” surge nas redes de conversações, em distintos modos de entrelaçamento entre o linguajar e o emocionar.	É o instrumento social e articulador do processo de ensino e aprendizagem, porque os seres humanos são seres de comunicação. É encontro entre as pessoas. É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. “O diálogo é, portanto, o indispensável caminho não somente nas questões vitais para nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. Somente pela virtude da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais também cheguem a ser eles mesmos” (FREIRE, 1967, p. 107).

Temas	Maturana	Freire
Autonomia	Sua concepção de autonomia do ser vivo é a <i>autopoiese</i> . Maturana pensa o conhecimento a partir da autopoiese e entende cada ser como sistema fechado, auto-organizado e auto-organizável. Para o autor, isso só é possível porque cada ser é em relação. O que determina, em última análise, a organização do ser vivo é sua própria autopoiese. Mas o que desencadeia é a relação que se estabelece entre vivo-meio-vivo. O organismo se autogera, mas só o faz na relação com outros organismos.	“A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 1996, p. 41).
Conhecimento	“Se queremos entender o fenômeno do conhecimento, se queremos entender o sistema nervoso, se queremos entender a linguagem, se queremos entender o que acontece na nossa convivência, temos que nos inteirar desse curioso fenômeno: os seres humanos, os seres vivos em geral, não podemos distinguir na experiência entre o que chamamos de ilusão e percepção como afirmações cognitivas sobre a realidade. Não digo que na dinâmica social não falemos de ilusão e percepção, de erro e verdade, ou de mentira e verdade, de uma maneira coerente com o nosso viver. Mas estou desvalorizando esta distinção como uma distinção que tem sentido na convivência. O que quero dizer é que, para compreender certos fenômenos, temos que entender o que acontece quando fazemos estas distinções. Nós, seres humanos, configuramos o mundo que vivemos ao viver, e cabe perguntar como o configuramos e como vivemos nele, se constitutivamente, como seres vivos, não podemos fazer a distinção, que correntemente dizemos fazer, entre ilusão e percepção” (MATURANA, 2002, p. 43-44).	O conhecimento, para Freire, é resultado de processos de aprendizagem. “O que temos como cultura, como sociedade e como modos de expressão dos sujeitos individuais é o resultado da construção de um conhecimento humano” (STRECK, 2008, p. 96).
Política	“Não sou mais político que qualquer outro cidadão; tampouco sou menos, pois vivo como todos nas ações, perguntas e problemas que têm a ver com a convivência numa comunidade humana. O que faço, no entanto, é viver a política como minha profissão de fé. Por isto, ainda que eu declare que não sou político, tudo o que vier a expressar o farei a partir da minha responsabilidade como chileno” (MATURANA, 2002, p. 36).	Educar, para Freire, é um ato político. Uma das questões fundamentais para o autor é “(...) a clareza em torno de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, fazemos a educação e de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, desenvolvemos a atividade política” (FREIRE, 2009, p. 23).

TECENDO A TRAMA, PONTO A PONTO

Buscaremos construir a trama das relações que podem ser estabelecidas entre Freire e Maturana de maneira bem sucinta. Podemos dizer que os autores distanciam-se porque vêm de escolas filosóficas (aceitas pela academia atualmente) diferentes. Freire parte das concepções construídas a partir dos referenciais do idealismo dialético – marxismo – e Maturana traz concepções do positivismo e suas “variações” estabelecidas no decorrer histórico.

Podemos dizer, também, que, apesar disso, se aproximam por tratarem, cada um à sua maneira e juízo, de assuntos convergentes e apresentarem interesses de compreensão ou explicação de conceitos como história, humanização, linguagem, emoção, amorosidade, mudança, educação, diálogo, autonomia, conhecimento e política.

Um ponto a ser destacado entre os autores é o modo como concebem a história. Para Freire, a história é ponto fundamental da constituição do homem; já, para Maturana, é a linguagem que é constitutiva e essencial à humanização. Mas, ainda assim, a história é um tema que avaliamos ser importante para ambos, pois Maturana em nenhum momento a desconsidera e Paulo Freire a relaciona à transformação social.

Para Maturana, o homem constitui-se via relação e linguagem, cuja compreensão dá-se pelo entrelaçamento do emocional com o racional. Para o autor, em tudo há a emoção que mobiliza ou paralisa. E, para Freire, esse homem é social, fruto de uma determinada sociedade opressora construída com base no mercado e no capital – sociedade esta que separa e divide os homens entre os detentores do capital ou os explorados por ele. Seu interesse é pelos excluídos ou explorados por esse capital, pois a lógica imposta faz com que as pessoas envolvidas não tenham consciência de que estão sendo exploradas, e ainda acreditam, ingenuamente, que fazer parte desse processo seja realmente seu papel na sociedade.

Freire aproxima-se de Maturana em um tema fundamental para este último, que é a linguagem, pois a considera uma ferramenta do diálogo – o diálogo democrático, horizontal, no qual todos têm direito a vez e voz. E essa sua voz e suas palavras são refletidas, pensadas e consideradas, fazendo com que a leitura do mundo amplie-se. Não é uma fala no vazio; há um interlocutor interessado em ouvir e, ao desenvolver seu pensamento, faz considerações e ponderações. Logo, ambos consideram a linguagem um construto das relações do ser humano e elemento fundamental das coordenações das ações consensuais. De acordo com os autores, com a linguagem e com o diálogo as pessoas avançam, agem, estabelecem relações, aprendem e educam-se.

A concepção de educação também é algo que pode ser analisado. Como coloca Maturana, esta constitui-se em processo de convivência e transforma-se espontaneamente. Mas aqui cabe uma ressalva: essa ideia de espontâneo não é bem como o que comumente conhecemos no senso comum, não é espontâneo no sentido de que não precisamos fazer nada, que isso ocorre naturalmente. É que, como somos seres relacionais, nessas relações essa transformação ocorre de maneira recíproca, um “interfere”, “influencia”, “ensina”, “educa” o outro, e ambos modificam-se, mesmo que não haja uma intencionalidade.

Paulo Freire também afirma que a educação dá-se na relação e no diálogo. Mas sua preocupação é com os seres humanos partirem do que são para o que querem ser e com uma educação libertadora. É uma educação que desvela as armadilhas alienantes e alienadoras, visando ao homem livre das amarras da domesticação.

Para que isso ocorra, é necessária a compreensão de que a autonomia

enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 1996, p. 41).

Segundo Maturana, esta autonomia dá-se na experiência de relação com os outros.

Quando Maturana refere-se ao conhecimento, atribui o significado de fenômeno, porque, para o autor, toda experiência cognitiva inclui a pessoa que conhece de um modo pessoal. Em Freire, temos que o conhecimento é resultado de nossas aprendizagens. O que aproxima os autores é o destaque para a questão da visão mitificada, ou seja, que o conhecimento não nos faça cair na tentação da certeza.

A política, tanto para Maturana quanto para Freire, é um compromisso dos que se pretendem educadores. Ambos falam a partir de seus lugares (Chile e Brasil) e demonstram ser homens históricos e críticos dos problemas de seus países. A antítese entre acomodação e luta revela a posição ideológica dos autores.

ENCERRANDO E PROBLEMATIZANDO

Esta trama não termina aqui, apenas será suspensa para que possa ser discutida e ampliada por outras tantas pessoas que queiram, conosco, dialogar.

Buscamos comparar as concepções e apresentar ensaios de aproximação e distanciamento entre os autores, de modo a possibilitar reflexões e possíveis aprendizagens. Ousamos fazer a articulação entre o pensamento traduzido nas obras. Portanto o diálogo entre Freire e Maturana foi possível. Podemos afirmar, contudo, que alguns pontos convergiram e outros se distanciaram.

Freire e Maturana originam de “escolas” diferentes e expõem em seus escritos modos diferentes de enxergar o mundo. Porém, apresentam preocupações que se assemelham e permitem, assim, que possamos tentar colocá-los lado a lado.

Consideramos importante o fato de os dois pensadores levarem-nos a ter esperança e a sonhar com uma educação mais holística, preocupada com o sujeito na sua totalidade. Esperança não sem luta e sem crítica contra as injustiças e desumanidades: esperança-ação.

Os dois contribuem, portanto, para o surgimento de um outro olhar para a educação, no qual o respeito para consigo mesmo e o outro torna-se realidade por meio do diálogo, como quer Freire, ou da conversação, como sugere Maturana.

Como já indicado, não houve a pretensão de apresentar um texto elaborado sobre os autores, mas uma possibilidade de análise a partir e ao longo das leituras realizadas.

Algumas surpresas boas foram possíveis e, como sempre, a constatação do quanto ainda temos a aprender, delineando-se, assim, novos caminhos a serem percorridos. Em uma postura dialógica, assumimos nosso inacabamento e abrimo-nos para outros leitores-autores. Fica a certeza: ainda há muito o que pesquisar.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1993.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2009.
- HUMBERTO MATURANA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. 2015. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Humberto_Maturana>. Acesso em: 1º abr. 2012.
- MATURANA, H. R. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3. reimp. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- ROMÃO, J. E. A civilização do oprimido. **Campus Social: Revista Lusófona de Ciências Sociais**, n. 1, p. 31-47, 2004. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/campusocial/article/view/177>>. Acesso em: 23 mar. 2014.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DADOS DAS AUTORAS:

MÔNICA DE ÁVILA TODARO

Docente do Programa de Pós Graduação em Educação da
Universidade Nove de Julho – UNINOVE

MARGARETE BERTOLO BOCCIA

Aluna do Programa de Pós Graduação em Educação da
Universidade Nove de Julho – UNINOVE

Submetido em: 16/04/2014

Aprovado em: 01/09/2014